

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Templars*

Autor: *Dan Jones*

Copyright © Dan Jones 2017

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Adriana Maia Dias*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, outubro, 2018

Depósito legal n.º 445 828/18

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

ÍNDICE

Lista de Mapas	11
Introdução	19

PARTE I: PEREGRINOS, c. 1102-1144

1 «Uma Bacia Dourada, Cheia de Escorpiões»	31
2 «A Defesa de Jerusalém»	46
3 «Uma Nova Milícia»	59
4 «Toda a Boa Dádiva»	75

PARTE II: SOLDADOS, 1144-1187

5 «Um Torneio entre Céu e Inferno»	93
6 «O Moinho da Guerra»	110
7 «A Torre Maldita»	121
8 «Poder e Riquezas»	134
9 «Problemas nas Duas Terras»	145
10 «Lágrimas de Fogo»	158
11 «Ai de Ti, Jerusalém!»	178

PARTE III: BANQUEIROS, 1189-1260

12 «A Busca da Fortuna»	207
13 «Em Nenhum Lugar Vivem na Pobreza»	231

14 «Damieta!»	247
15 «Animosidade e Ódio»	269
16 «Desfraldai e Levantai a Nossa Bandeira!»	287

PARTE IV: HEREGES, 1260-1314

17 «Um Nó na Garganta»	309
18 «A Cidade Cairá»	329
19 «Na Incitação do Diabo»	344
20 «Depravação Herética»	366
21 «Deus Vingará a Nossa Morte»	383
Epílogo: O Santo Graal	411

APÊNDICES

Apêndice I: Lista de Figuras Principais	423
Apêndice II: Papas, 1099-1334	430
Apêndice III: Reis e Rainhas de Jerusalém	432
Apêndice IV: Mestres da Ordem do Templo	433
Notas	434
Bibliografia	464
Índice Remissivo	477

INTRODUÇÃO

Os Templários eram soldados sagrados. Homens de religião e espada, peregrinos e guerreiros, mendigos e banqueiros. Os seus uniformes, adornados com uma cruz vermelha, simbolizavam não só o sangue que Cristo derramara pela humanidade, mas também o que estavam preparados para espalhar em nome do culto do Senhor. Ainda que os Templários tenham sido apenas uma das muitas ordens que se estabeleceram na Europa medieval e na Terra Santa entre os séculos XI e XIV, foram de longe a mais conhecida e mais controversa.

A sua ordem foi resultado das cruzadas, as guerras instigadas pela Igreja medieval que visavam acima de tudo, ainda que não de forma exclusiva, os governantes islâmicos da Palestina, Síria, Ásia Menor, Egito, Noroeste de África e Espanha Meridional. Desta forma, os Templários podiam ser encontrados numa larga faixa do mundo mediterrânico e mais além: nos campos de batalha do Próximo Oriente e em cidades e aldeias através da Europa, onde geriam extensas propriedades que financiavam as suas aventuras militares. A palavra Templários — forma abreviada para Os Pobres Cavaleiros do Templo ou, menos frequentemente, Os Pobres Soldados de Cristo e do Templo de Jerusalém — indicava as suas origens no Monte do Templo da cidade mais santa do cristianismo. Mas a sua presença sentia-se praticamente em todo o lado. Mesmo na sua época, os Templários eram figuras semilendárias, que figuravam em contos populares, obras de arte,

baladas e histórias. Foram parte da paisagem mental das cruzadas — uma posição que ocupam ainda hoje.

A Ordem dos Templários foi fundada em 1119 baseada nos princípios de castidade, obediência e pobreza — o último dos quais imortalizado no selo oficial do mestre, que mostrava dois irmãos armados partilhando um mesmo cavalo —, mas a ordem rapidamente se tornou rica e influente. Altos oficiais dos Templários na Terra Santa e no Ocidente contavam entre os seus aliados (e inimigos) reis e príncipes, rainhas e condessas, patriarcas e papas. A ordem ajudou a financiar guerras, emprestou dinheiro para pagar resgates de reis, subcontratou a gestão de financiamento de governos reais, coletou impostos, construiu castelos, arrasou cidades, criou exércitos, interveio em disputas comerciais, envolveu-se em guerras privadas contra outras ordens militares, levou a cabo assassinatos políticos e chegou a dar apoio a homens para se tornarem reis. De modestos começos, tornaram-se poderosos como nenhuma outra organização que alguma vez existiu durante a Idade Média.

No entanto — talvez estranhamente —, os Templários tiveram também apoio popular. Para muitos, não eram elites distantes, mas sim heróis locais. As orações pregadas pela Europa nas casas religiosas dos irmãos da ordem que não lutavam eram tão importantes como os sacrifícios dos cavaleiros templários e dos seus oficiais no campo de batalha, e todos eles foram de extrema importância na procura pela salvação celestial para todos os cristãos. Alguma da riqueza da ordem vinha do mecenato de nobreza devota, mas vinha igualmente de pequenos donativos de homens e mulheres comuns, que davam o pouco que tinham — um casaco aqui, um cesto de vegetais ali — à congregação local de modo a ajudar o financiamento da missão militante da ordem no Oriente.

Claro que houve dissidentes. Para alguns observadores, a ordem tornava-se perigosa por não ter de prestar contas, além de não seguir os princípios supostamente pacíficos do cristianismo. Por vezes, os Templários eram objeto de ataques ferozes, particularmente de estudiosos e monges que duvidavam do seu estatuto privilegiado: protegidos pela autoridade do papa e isentos dos impostos e regras exigidos a outros grupos religiosos. Bernardo de Claraval — uma

espécie de padrinho da ordem — aclamou os Templários como «uma nova milícia», mas um século depois outro conhecido monge francês apelidou-os de «uma nova monstruosidade».

Contudo, a súbita dissolução da ordem no início do século XIV, que incluiu detenções em massa, perseguições, tortura, farsas jurídicas, mortes na fogueira e a apreensão de todos os bens dos Templários, chocou a cristandade. Em poucos anos, a ordem foi suspensa e dissolvida, tendo os seus membros sido acusados de uma lista de crimes elaborada especificamente para causar revolta e repulsa. O fim aconteceu de forma tão súbita e violenta que tornou a ordem ainda mais lendária. Hoje, mais de 700 anos após o seu fim, os Templários continuam a ser objeto de fascinação, imitação e obsessão.

Quem eram então os Templários? Por vezes é difícil dizer. Os Templários têm sido tema de numerosas obras de ficção, programas televisivos e filmes, em que são apresentados de formas tão diferentes como heróis, mártires, bandidos, agressores, vítimas, criminosos, perversos, hereges, subversivos depravados, guardiões do Santo Graal, protetores da linhagem secreta de Cristo e agentes de conspiração global capazes de viajar no tempo. No campo da história «popular», existe uma pequena indústria que insiste em expor «os mistérios dos Templários» — sugerindo o seu papel em algum enredo para esconder os segredos obscuros do cristianismo, e insinuando que a ordem medieval ainda existe, manipulando o mundo a partir das sombras. Estas teorias são divertidas, porque nada disto tem muito que ver com os próprios Templários.

Este livro procura contar a história dos Templários tal como foram, não como a lenda com que são caracterizados até aos dias de hoje. O meu objetivo não é desmistificar ou mesmo entrar nos temas mais extravagantes da mitologia templária, mas é, mais precisamente, mostrar que as suas ações foram ainda mais extraordinárias do que as histórias romanescas, meias-verdades e teorias da conspiração que têm circulado à volta do tema desde que a ordem acabou. Acredito ainda que os temas da história templária ecoam poderosamente hoje. Este é um livro sobre uma guerra aparentemente sem fim na Palestina, Síria e Egito, onde fações de

muçulmanos sunitas e xiitas entraram em colisão com militantes cristãos invasores do Ocidente; sobre uma organização «globalizada» livre de impostos que se tornou tão rica que chegou a ser mais poderosa do que alguns governos; sobre a relação entre finanças internacionais e geopolítica; sobre o poder da propaganda e da criação de mitos; sobre violência, deslealdade, traição e ganância.

Os leitores dos meus livros sobre a Inglaterra plantageneta não ficarão surpreendidos ao ver que esta é uma narrativa histórica. Conta a história dos Templários desde a sua criação até à sua dissolução, explorando a natureza em mudança da ordem, a sua expansão pelo Próximo Oriente e Europa e o papel que desempenharam nas guerras medievais entre exércitos cristãos e as forças do islão. Apresentei o texto com notas detalhadas e uma bibliografia que remete os leitores para um vasto leque de fontes originais e estudos académicos, mas não me desviei da minha ambição habitual, que é escrever um livro que entretém ao mesmo tempo que informa.

Para guiar os leitores através dos dois séculos desde o banal nascimento da ordem até à sua impressionante aniquilação, dividi o livro em quatro secções. A primeira, «Peregrinos», descreve as origens dos Templários no começo do século XII, quando foram fundados como uma ordem de guerreiros religiosos cristãos pelo cavaleiro francês Hugo de Payens e (como se afirmou posteriormente) oito dos seus companheiros, que procuravam uma missão em Jerusalém no turbulento rescaldo da Primeira Cruzada. A intenção inicial deste pequeno grupo era formar uma escolta permanente para os peregrinos que seguiam as pegadas de Cristo nas estradas perigosas da Terra Santa. Começaram a empreitada com um grupo de médicos voluntários que fundaram um hospital em Jerusalém por volta de 1080, conhecido como Hospital de São João ou Hospitalários. Tendo recebido aprovação do rei cristão de Jerusalém e bênção papal de Roma, os Templários rapidamente se institucionalizaram e expandiram. Estabeleceram a sua sede na Cidade Santa na Mesquita de Al-Aqsa, no Monte do Templo (conhecido pelos muçulmanos como Haram al-Sharif), enviaram emissários para a Europa para recrutar homens e conseguir apoio

financeiro e procuraram patronos famosos. O seu guia espiritual era Bernardo de Claraval, que os ajudou a escrever a sua regra, e os seus primeiros apoiantes incluíam os líderes cruzados da época, como o antepassado plantageneta Fulque, conde de Anjou, que — com uma pequena ajuda dos Templários — se tornou rei de Jerusalém. Em duas décadas, os Templários já não eram nove pobres guerreiros em busca de uma causa: eram uma organização ambiciosa com um objetivo claro e meios para o atingir.

A segunda parte do livro, «Soldados», mostra como os Templários se transformaram, de uma equipa que prestava apoio aos peregrinos, numa unidade militar de elite na linha da frente dos cruzados. Descreve o papel crucial dos Templários na Segunda Cruzada, quando ajudaram a guiar, não um punhado de peregrinos, mas um exército inteiro do rei de França através das montanhas da Ásia Menor, levando-os em segurança até à Terra Santa, resgatando o seu comandante falido e lutando depois na linha da frente enquanto os cruzados tentavam conquistar Damasco, uma das maiores cidades do mundo islâmico. A partir deste momento, os Templários tornaram-se agentes proeminentes na história política e militar dos estados cruzados cristãos (o reino de Jerusalém, o condado de Trípoli e o principado de Antioquia). Esta parte do livro segue os Templários enquanto edificaram uma rede de castelos, desenvolveram uma série de protocolos militares e adquiriram competência institucional para levar a cabo a sua tarefa. Inclui ainda algumas das mais extraordinárias figuras da história das cruzadas: o devoto mas infeliz Luís VII de França; o orgulhoso grão-mestre templário Geraldo de Ridefort, que conduziu os exércitos de Deus para uma batalha apocalíptica em Hattin, em 1187; o rei leproso de Jerusalém, Balduíno IV; e o mais famoso sultão muçulmano que alguma vez viveu, Saladino, que tomou como sua a missão de varrer do mapa os cruzados e que acompanhou pessoalmente a execução de centenas de cavaleiros templários num só dia.

A terceira parte denomina-se «Banqueiros» e examina como a Ordem do Templo evoluiu de força de apoio às cruzadas apoiada por donativos do Ocidente até se tornar numa instituição que combinava capacidade militar com uma vasta rede de propriedades

e pessoal espalhada por toda a cristandade, ligando o Ocidente cristão à zona de guerra oriental num momento em que o fervor das cruzadas começava a esmorecer.

Tendo sido praticamente arrasados, enquanto força guerreira, por Saladino, os Templários reergueram-se na década de 1190 com o auxílio de um brilhante, brutal e muito famoso rei de Inglaterra, Ricardo Coração de Leão, cuja confiança e dependência nos principais oficiais dos Templários sugeriu a direção que a ordem tomaria durante o século XIII. Protegidos por patrocínio real, que foi rapidamente imitado por nobres e autoridades urbanas, os Templários aumentaram as suas terras, expandiram o seu portefólio de propriedades e conseguiram lucrativas vantagens fiscais. Tornaram-se incrivelmente ricos e financeiramente sofisticados e, em breve, papas e reis encarregaram-nos da gestão da contabilidade, guarda do tesouro, organização de guerras e pagamento de resgates em tempos de crise.

Houve certamente muitos desses períodos, e na terceira parte vemos ainda os Templários bastante empenhados nas guerras contra o islão. Dois ataques massivos na cidade egípcia de Damietta foram viabilizados graças ao conhecimento financeiro dos Templários. Ambos os ataques resultaram no caos, com os cavaleiros e oficiais da ordem lutando em desesperadas ações de retaguarda nos pântanos contaminados de um Nilo inundado. Como os Templários descobriram, angariar e organizar fundos de guerra era uma coisa; combater em longas campanhas em terras estrangeiras desconhecidas contra inimigos muito mais conhecedores das condições era outra bastante diferente.

Esta parte mostra os Templários a assumirem cada vez mais responsabilidade pela segurança dos estados cruzados, o que os levou a contactar com algumas das personagens mais memoráveis do século XIII, como aquele que veio a ser canonizado rei francês Luís IX, com quem se relacionavam otimamente; e Frederico II Hohenstaufen, o empertigado e livre-pensador imperador romano-germânico que se proclamou rei de Jerusalém e que rapidamente começou uma guerra contra os homens que tinham a tarefa de o defender. Neste ponto, os Templários tiveram de enfrentar

o aparecimento dos protegidos de Frederico, a Ordem Teutónica: uma das várias ordens militares que surgiram em paralelo com (e por vezes imitando) os Templários. Entre estas incluíam-se a Ordem de São Lázaro, que acolhia peregrinos que sofriam de lepra; as Ordens de Calatrava, Santiago e Alcântara, estabelecidas nos reinos de Espanha; os Irmãos Livónios da Espada, que entraram em guerra com os pagãos do Báltico; e os Hospitalários, com quem os Templários tinham convivido desde o começo e ao lado de quem tinham lutado em algumas das suas maiores batalhas. Na Terra Santa, a importância crescente das ordens militares, combinada com a sua crescente diversidade, exacerbou os conflitos entre fações, e os Templários foram arrastados para guerras entre grupos rivais de mercadores italianos e barões com interesses pessoais. Em última instância, isto prejudicou a fundação política dos estados cruzados de tal forma que, quando uma nova ameaça surgiu em 1260, os Templários eram tão inúteis para a resistência como os seus restantes homólogos cristãos.

A quarta parte do livro dá pelo nome de «Hereges» e situa as raízes da aniquilação dos Templários em acontecimentos na década de 1260, quando os irmãos no Oriente estavam na linha da frente de uma guerra contra os dois inimigos mais perigosos alguma vez enfrentados pelos cruzados: os exércitos mongóis comandados pelos descendentes de Genghis Khan e um grupo de soldados escravos muçulmanos conhecidos por mamelucos. A derrota às mãos dos mamelucos deu origem a uma crítica mais alargada aos Templários como não se vira antes, já que os seus poderosos recursos e o seu fácil acesso às fortunas das guerras contra o islão eram agora fortes armas de arremesso.

À medida que a pressão sobre a ordem aumentava, abriram-se ao ataque político. Isto aconteceu súbita e violentamente em 1307 num assalto organizado pelo devoto, mas sem escrúpulos, rei francês Filipe IV. A prisão de todos os Templários de França na sexta-feira 13 de outubro desse ano foi o começo de um movimento totalmente em interesse próprio para derrubar a ordem e confiscar os seus bens. Ora instigados, ora repelidos pelo comprometido papa Clemente V, o rei Filipe IV e os seus ministros transformaram um

ataque às propriedades templárias numa guerra aberta contra a ordem em todo o mundo cristão, utilizando métodos anteriormente praticados em outros alvos vulneráveis, como a população judia francesa. Apesar de a França ter sido tradicionalmente o reino em que os Templários garantiram maior apoio, Filipe tomou a decisão inabalável de condenar, torturar e matar os membros da ordem, começando por aquele que ocupava a posição de topo na hierarquia, o último grão-mestre templário, Tiago de Molay, morto na fogueira em Paris em 1314, cujas últimas palavras foram a promessa de que Deus se vingaria em nome da ordem.

Os motivos de Filipe para destruir os Templários através de inquéritos judiciais e atos cruéis sobre os membros tiveram pouco que ver com o caráter e a conduta destes, quer na guerra contra o islão, quer em França, onde a sua vida se parecia em grande parte com a dos monges. As ações de Filipe advinham sobretudo das suas preocupações políticas e da sua extrema, cruel e insensível patologia pessoal, mas atingiram a ordem num momento em que estava mais suscetível a ataques e calúnias e em que o interesse público nas cruzadas, se não estava extinto, estava pelo menos muito reduzido. A morte de Tiago de Molay assinalou o fim dos Templários enquanto organização, aproximadamente duzentos anos após o seu humilde começo em Jerusalém. O epílogo deste livro sintetiza o percurso dos Templários na imaginação popular e analisa o processo que levou a uma visão romanceada da ordem e até a um interesse renovado por ela.

Um distinto estudioso sugeriu que uma narrativa histórica dos Templários é «enganadora, porque implica que a ordem se elevou e caiu, que a crítica aumentou firmemente e que certos acontecimentos causaram outros acontecimentos mais tarde»¹. Isto é certo, mas também errado. Seria provavelmente uma tarefa de loucos tentar escrever, seguindo uma estrutura cronológica, uma explicação compreensiva dos dois séculos durante os quais a ordem esteve ativa no reino de Jerusalém, na Península Ibérica, França, Inglaterra, Itália, Polónia, Alemanha, Hungria, Chipre e ainda noutros lugares. As experiências das centenas de homens e mulheres que viveram como Templários assumidos por completo ou como

membros associados não podem ser todas contidas numa narrativa coerente das suas atividades mais notáveis. No entanto, a Ordem dos Pobres Cavaleiros do Templo, sem qualquer dúvida, começou, existiu e terminou, e este processo ocorreu num período fixo em que o tempo avançou ao seu ritmo habitual. É uma história que nos leva através de uma visão mais ampla das cruzadas, ligando vários cenários de guerra e uma dúzia de gerações de homens e mulheres. É também uma história que é geralmente contada de forma temática, um tratamento que frequentemente se torna lento e até mesmo monótono. A escolha que fiz de tratar este tema como *história* à maneira tradicional não implica uma inevitável trajetória da honra à corrupção, da arrogância à destruição, já que este pensamento atormentou a longa tradição de escrever sobre os Templários, recuando até pelo menos ao século XVII². Em vez disso, acredito simplesmente que uma narrativa dos Templários pode ser apresentada por ordem cronológica para satisfazer os leitores que gostam da história contada sequencialmente. Espero que ao fazê-lo não tenha entrado demasiado em teologia ou deturpado as vidas e experiências das pessoas que viveram, lutaram e morreram com a cruz vermelha ao peito. Espero ainda que este livro encoraje leitores a explorar a volumosa literatura que existe sobre as ordens militares em geral e os Templários em particular, da autoria de académicos brilhantes como Malcolm Barber, Helen Nicholson, Alan Forey, Joachim Burgdorf, Alain Demurger, Jonathan Riley-Smith, Judi Upton-Ward, Anthony Luttrell, Jonathan Phillips, Norman Housley, Jochen Schenk, Paul Crawford, Peter Edbury, Anne Gilmour-Bryson e muitos outros, aos quais recorri com o maior respeito e gratidão.

Os Templários avançavam para a batalha ostentando uma bandeira branca e negra e, à medida que avançavam, cantavam por vezes um salmo para os fortalecer espiritualmente. Parece apropriado citar estes versículos para começar a nossa história:

«Não a nós, ó Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória, pelo teu amor e fidelidade.»

Desfrutem da viagem.

«UMA BACIA DOURADA, CHEIA DE ESCORPIÕES»

Era uma manhã desagradável de outono em Jafa quando os peregrinos saíram da igreja. Foram imediatamente varridos na debandada da multidão em direção ao mar, arrastados por uma cacofonia medonha: o som agudo de madeira a ser arrancada e, escassamente audíveis entre o rugido do vento e as explosões das ondas, os gritos de pânico de homens e mulheres aterrorizados lutando pelas suas vidas. Uma violenta tempestade, que começara a formar-se no dia anterior, estalara durante a noite e cerca de trinta navios ancorados na praia de Jafa eram destruídos por grandes montanhas de água. Os maiores e mais resistentes foram arrancados das suas amarras, empurrados contra rochas afiadas e martelados contra bancos de areia até, nas palavras de um observador, todos se terem «transformado em pedaços pela tempestade»¹.

A multidão na costa viu, sem hipótese de ajudar, como marinhheiros e passageiros eram arrastados dos conveses. Alguns tentaram manter-se à tona agarrando-se a pedaços dos mastros, mas a maioria estava condenada. «Alguns, enquanto se tentavam segurar, foram feridos pela madeira dos próprios navios», escreveu o observador. «Outros, que sabiam nadar, entregaram-se voluntariamente às ondas, e portanto muitos deles pereceram.»² Na costa, cadáveres tinham começado a aparecer com a rebentação. Os mortos chegariam a um milhar, e apenas sete navios sobreviveram imaculados à tempestade. «Nenhum olho alguma vez vira maior miséria num só dia», escreveu o peregrino. Era a segunda-feira 13 de outubro de 1102.

O peregrino a quem devemos estas frases era um inglês conhecido como Saewulf*. Tinha viajado durante vários meses, deixando Monopoli, na costa da Apúlia (o tacão da bota na Itália moderna), a 13 de julho, um dia que descreveu como *hora egyptiaca*, já que desde a idade dos faraós que esta era uma data astrologicamente amaldiçoada para começar uma tarefa importante³. E assim provou ser. Saewulf já tinha sofrido um naufrágio na sua passagem de Inglaterra para o Oriente mediterrânico; felizmente, sobreviveu. A sua rota levou-o até Corfu, Cefalónia e Corinto, por via terrestre via Tebas até ao mar Egeu, depois para sudeste através das ilhas Cíclades e do Dodecaneso até Rodes. Alguns dias mais no mar levaram-no até ao porto cipriota de Pafos, de onde, depois de exatamente treze semanas, durante as quais viajara cerca de 3220 quilómetros, chegou finalmente a Jafa, o principal porto do reino cristão de Jerusalém. Tinha chegado à costa horas antes da fatal tempestade.

Apesar das muitas privações e dos terríveis riscos de navegar, Saewulf viu muito na sua viagem para leste à medida que ele e os seus companheiros de jornada desembarcavam com frequência para pedir abrigo aos ilhéus a quem chamou, genericamente, gregos. Contemplou as oficinas de seda de Andros e foi até ao lugar onde estava o há muito desaparecido Colosso de Rodes. Visitou a antiga cidade de Mira, com o seu belo teatro em semicírculo, e foi a Fénico, um ventoso porto de comércio fundado pelos fenícios numa área conhecida pelos habitantes locais como «sessenta remos», devido à agitação do mar. Rezou no túmulo de São Nicolau e seguiu, em Chipre, os passos de São Pedro. No entanto, o seu verdadeiro prémio estava um passo mais à frente. Uma vez passada a tempestade, encaminhar-se-ia para a cidade mais importante de todas: iria para sudeste até Jerusalém, onde tencionava rezar no túmulo de Jesus Cristo, o filho de Deus e salvador da humanidade.

* Saewulf não faz menção do seu lugar de nascimento no seu relato em latim da Terra Santa e não temos praticamente conhecimento da sua biografia, salvo o que está contido no seu diário de peregrino. Mas é razoável assumir que vinha de Inglaterra: valeu-se de materiais compilados por São Beda, da antiga Nortúmbria, e a cópia medieval do seu relato chegou à biblioteca de Matthew Parker, arcebispo de Cantuária no século XVI.

Para um cristão como Saewulf, que devotamente se descreveu como «inútil e pecaminoso», uma visita a Jerusalém era uma viagem redentora ao centro do mundo⁴. Deus dissera ao profeta Ezequiel, no Antigo Testamento, que Ele tinha colocado Jerusalém «entre os povos», e tal foi visto como mais do que uma mera figura de estilo⁵. Os mapas produzidos na Europa nesta época representavam a Cidade Santa como o núcleo ao redor do qual todos os reinos da humanidade, cristãos e pagãos, cresciam*. Este facto da geografia era também um facto da cosmologia. Jerusalém era entendida como um lugar onde o divino se tornava manifesto, o poder da oração era enaltecido pela presença de relíquias e lugares sagrados. Não era apenas visto, mas sentido: um visitante podia experimentar pessoalmente os detalhes sagrados das histórias bíblicas, dos feitos dos reis do Antigo Testamento à vida e Paixão de Cristo.

Aproximando-se de Jerusalém pela estrada de Jafa, Saewulf teria entrado pela Porta de David, um portal altamente fortificado nas espessas muralhas de defesa da cidade, guardada por uma vasta cidadela de pedra construída sobre as ruínas de uma fortaleza erguida por Herodes: o rei que a Bíblia afirmava ter condenado todos os bebés de Belém à morte na tentativa de matar a criança Cristo. Caminhando pela cidade pôde ver o Monte do Templo dominando o bairro sudeste da cidade, coroado com o zimbório cintilante da Cúpula do Rochedo, a que os cristãos chamaram Templo do Senhor. Além deste, existia a Mesquita de Al-Aqsa, um edifício largo, baixo e retangular também terminado numa cúpula, construído no século VII e convertido para o uso cristão em palácio para o rei de Jerusalém, um rico nobre de Bolonha conhecido como Balduíno I.

* Um bom exemplo é o mapa-múndi da Catedral de Hereford, em Inglaterra. Foi criado c. 1300, mas é uma ilustração perfeita da concepção medieval do mundo no tempo de Saewulf e da centralidade de Jerusalém no mesmo. Os guias avisavam os visitantes de que podiam encontrar o centro do mundo «a menos de quatro metros a oeste do monte do Calvário».



A VIAGEM DE SAEWULF, c. 1102

→ Viagem para a Terra Santa -----> Viagem de regresso

